



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

TATIELE ESCOBAR DE ALMEIDA

PARQUE OESTE INDUSTRIAL - 17 ANOS DE LUTA

**GOIÂNIA
2022**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

PARQUE OESTE INDUSTRIAL - 17 ANOS DE LUTA

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA
2022

TATIELE ESCOBAR DE ALMEIDA

PARQUE OESTE INDUSTRIAL - 17 ANOS DE LUTA

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 07 de dezembro de 2022.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Ms. Sabrina Moreira de Morais Oliveira

Profa. Me. Ana Paula Neres de Santana Bandeira

Dedico esse trabalho à Deus, pois me ajudou e me sustentou nos momentos mais difíceis durante minha trajetória de vida e acadêmica, Aquele que me deu forças quando pensava em desistir. Dedico à minha mãe, que mesmo não estando mais em vida, foi minha maior inspiração para continuar lutando pelos meus sonhos; ao meu pai (Adenilson) que abdicou de muita coisa para conseguir me criar. Dedico aos meus irmãos, e aos demais familiares e amigos que me ajudaram a chegar até aqui e foram meu apoio emocional. Minha dedicatória se estende a todos que fizeram com que esse trabalho acontecesse, a todos entrevistados que abriram a porta de sua casa e seu coração para colaborar com esse filme. Dedico a todos aqueles que perderam entes queridos durante esse trajeto de 17 anos, que sofreram e ainda sofrem pela desocupação violenta retratada neste documentário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceber a oportunidade de finalizar esse trabalho e concluir o meu curso. Para a execução desse trabalho eu contei com a ajuda de alguns familiares e amigos da universidade. Agradeço ao meu pai de coração, Adenilson, que sempre me apoiou, cuidou e acreditou em mim quando nem eu mesma acreditei. Sou grata a minha mãe, Amélia, que lutou enquanto teve força para me deixar amparada. Acredito que essas pessoas foram peças-chaves para que eu sentisse a necessidade de retratar nesse documentário a história da nossa luta por uma moradia digna.

Minha amiga de universidade, Layane, e meu esposo Chrystian que também contribuíram para a realização desse Trabalho De Conclusão de Curso, me auxiliando nas gravações dos depoimentos, além de todo apoio emocional que me deram durante todo o período em que estive na universidade, sendo assim, não poderia deixar de expressar minha gratidão. Agradeço à minha amiga Regiane que no início do curso esteve muito presente na minha vida acadêmica, mas que por motivos maiores se absteve do curso, mas não deixou de estar presente em minha vida. Agradeço também a Juliana e a Vitória que em meu retorno à universidade, após dois anos, me acolheram.

Agradeço aos familiares que de alguma forma me apoiaram durante minha formação, mas faço uma ressalva a algumas pessoas que acompanharam de perto esse processo. Agradeço a minha prima Sirlene que foi a primeira da minha família a acreditar em mim. Agradeço aos meus irmãos Erik e Fernanda; à Karla que mesmo de uma maneira diferente me impulsionou a mostrar que sou capaz. Agradeço a minha avó Nésia, pois no início do meu curso fez questão de me acolher dentro de sua casa com muito amor. Sou grata ao meu sogro (Márcio), minha sogra (Ana Flavia) e minha cunhada (Jhulliany), que mesmo indiretamente me acolheram e me ajudaram nessa trajetória. Sou grata aos meus tios Otacílio e Abraão, que no momento que precisei de ajuda financeira para entrar na universidade foram as pessoas que se disponibilizaram a me ajudar.

Sou grata aos moradores Edna, Meire e Eronilde que não hesitaram em conceder a entrevista e foram personagens importantes do filme. Faço uma Ressalva especial à participação da Eronilde, que no filme se tornou protagonista e mesmo se tratando de um tema tão delicado me ajudou em tudo que foi necessário. Agradeço também a socióloga Maria Aparecida, que conseguiu tirar um pouco do seu tempo para realizar a análise do caso.

Também sou grata aos meus professores da universidade. Sem esses profissionais não seria possível chegar até aqui. Eles foram contribuintes necessários para a realização desse documentário e para que eu tivesse ideais teóricos e técnicos para a finalização do filme. Faço um agradecimento especial a minha orientadora professora Dra. Eliani Covem, que me ofereceu todo o conhecimento necessário para minha formação profissional e sem as suas contribuições esse trabalho não seria possível.

Onde há grande propriedade, há grande desigualdade. Para um muito rico, há no mínimo quinhentos pobres, e a riqueza de poucos presume da indigência de muitos.

Adam Smith

RESUMO:

O filme documentário, produto desse trabalho, *Parque Oeste industrial- 17 anos de luta*, é um resgate histórico de luta pela moradia ocorrida em fevereiro de 2005. Nos relatos os moradores contam o que os motivaram a permanecer no local e até mesmo construir. As dificuldades que cerca de 4 mil famílias passaram, até garantir um teto para morar. O documentário mostra a violação de direitos humanos, as duas mortes ocorridas durante a desocupação, traz a visão e os relatos dos moradores, com análise de uma socióloga. Também fala sobre o que ocorreu depois da desocupação violenta, a permanência em dois ginásios de esportes da capital e posteriormente a ida para o novo setor, Real Conquista.

PALAVRAS-CHAVE: Direito à moradia; Luta pela moradia; Desocupação Parque Oeste Industrial; Violação de direitos humanos; Real Conquista.

ABSTRACT:

The documentary film, *Parque Oeste industrial – 17 years of struggle*, a product of this work, is a historical rescue of the fight for housing that took place in February 2005. In the reports, residents tell what motivated them to stay in the place and even build. The difficulties that around 4,000 families went through, until they secured a roof over their heads. The documentary shows the violation of human rights, the two deaths that occurred during the eviction, brings the vision and reports of the residents, with analysis by a sociologist. It also talks about what happened after the violent eviction, the stay in two sports gyms in the capital and later the move to the new sector, Real Conquista.

KEYWORDS: Right to housing; Struggle for housing; Vacancy West Industrial Park; Violation of human rights; Real Conquista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	11
1. Documentário.....	11
1.1 Documentário - conceitos e teorias	11
1.2 Técnica de produção do documentário	13
1.3 A história do documentário no Brasil	14
2. Parque Oeste Industrial.....	16
2.1 O drama da desocupação do Parque Oeste Industrial	17
2.2 Parque Oeste Industrial: Após a Desocupação	20
2.3. Uma nova conquista	22
CAPÍTULO II MEMORIAL.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
APÊNDICES APÊNDICE I - ROTEIRO	31
APÊNDICE II – AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO	42

INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso tem como produto um filme documentário sobre o tema *Parque Oeste Industrial - 17 anos de luta*. O filme retrata a luta de famílias que participaram da desocupação do acampamento Sonho Real, que ocuparam uma terra privada no setor Parque Oeste Industrial. O filme conta com o depoimento de quatro moradores e análise de uma socióloga. Os moradores relatam toda a trajetória, contam o motivo pelo qual adentraram a terra, o que aconteceu antes, durante e após a retirada dos ocupantes, além de contarem como foi a realização do sonho da casa própria e os desafios que continuam enfrentando no setor Real Conquista.

Utilizando como produto um filme não-fictício, de maneira geral, o filme, apesar de retratar um acontecimento específico, traz uma reflexão sobre diversos problemas causados pela desigualdade social. Em um primeiro momento conta-se com um fator mais explícito, que é a violação do direito à moradia, mas no decorrer do filme entende-se que há vários direitos humanos violados na então desocupação do Parque Oeste Industrial.

Ao longo do documentário cada entrevistado demonstra o sofrimento vivido durante a ocupação e conta, de uma forma mais detalhada, como foi passar pela experiência de ser despejado das terras e ficar sem um lar para ser acolhido. Entre os depoentes, conta-se com a presença da viúva de um dos jovens assassinados no dia da desocupação, que é Eronildes. Ela relata como foi a morte do marido e fala um pouco sobre ele.

Sobre a metodologia, para a produção do filme foi utilizada uma câmera Canon para a gravação de duas entrevistas. Outras imagens e depoimentos foram captados por meio de equipamento móvel telefônico Xiaomi A3. Algumas imagens de apoio foram captadas por um iPhone 7s. A captação sonora das entrevistas foi realizada pelas câmaras utilizadas nas gravações das entrevistas. Os registros contaram com a assistência para a gravação de Layane Sousa e Crystian Gleidis.

Para a escolha das imagens e a produção do roteiro a pesquisadora buscou manter a neutralidade nos discursos, apesar de as formulações transmitirem a ideia de como o cineasta adota uma posição específica em relação àqueles retratados no filme e àqueles a quem o filme se dirige (NICHOLS, 2010). Após a decupagem e roteiro elaborado pela pesquisadora, a montagem foi realizada pelo técnico de laboratório audiovisual, Daniel Bernardoni, utilizando o programa Adobe Premier.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso agregou muito em conhecimento técnico e também sobre o tema retratado, seja por meio de pesquisas ou pelas entrevistas realizadas para

a produção. Sendo assim, o documentário *Parque oeste industrial: 17 anos de luta* remete ao conhecimento sobre esse fato histórico, além de uma reflexão sobre a desigualdade existente na sociedade.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1. DOCUMENTÁRIO

O documentário é um gênero cinematográfico, considerado por cineastas e críticos de cinema como não-fictício. O documentário é visto como um espelho da realidade utilizando o recurso audiovisual (DA-RIN 2006). Luccena (2012) diferencia documentário de filme fictício. Para o autor, se tratando de um filme de ficção, é possível ter um roteiro pré-definido com as falas e ações dos personagens, além de contar com um script, onde é especificado o papel de cada ator. Por outro lado, o documentário é uma forma de informar o espectador sem se importar tanto com entretê-lo.

DA RIN (2004, p. 7) considera que o documentário é rodeado de inúmeros mitos e fundado em definições pouco consistentes. “Os filmes denominados documentários apresentam uma grande diversidade, seja temática, estilística, técnica ou metodológica, dificultando sobremaneira a formulação de modelos e sua categorização”. Mas, apesar desse fator, o autor ressalta as tentativas de identificação características ou de criar um histórico que interligue manifestações tão desiguais. “São raras as fórmulas que tentam sintetizar as diferenças por meio de definições extensivas” (DA RIN, 2004, p.7).

1.1 Documentário - conceitos e teorias

Pode-se observar conceitos diferentes em relação a teorias defendidas por diversos autores, como os questionamentos a respeito da representatividade do documentário. Ramos (2008) conceitua o documentário como uma narrativa composta por câmeras, acompanhadas muitas vezes por imagens de animação, com ruídos ambientes, trilha sonora e entrevistas.

Por outro lado, DA RIN (2006) considera que é muito difícil estabelecer uma definição para o documentário, podendo defini-la de diversas formas, podendo ser uma cópia da vida real ou um filme sem atores. Para ele o documentário é um “conceito perdido”. Luccena (2012, p. 10) elabora uma definição mais completa:

O documentário, diferentemente da ficção é a edição (ou não) de um conteúdo um conteúdo audiovisual captados por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular), que reflete a perspectiva pessoal do realizador – ou seja, nem tudo é real no documentário – envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção (uma

definição longa, mas completa, ou pelo menos uma tentativa de definição). Fatos, no qual os personagens e o protagonista são o mesmo sujeito da ação.

Dialogando com Luccena (2012), Rodrigues (2010, p. 62) considera que o argumento que embasa a fantasia da representatividade da realidade é falho e não se sustenta com firmeza. Pois, diante da pergunta “O que é documentário?” a pessoa é levada “a conceituá-lo como filmes que mostram/representam a realidade. Mas qual é, afinal, tal estatuto da representação? Em que constitui a relação com a realidade?”.

Para a autora, há uma ânsia de realidade, alimentada durante a história do documentário, e essa questão é encapada por teorias realistas. “Buscaram denominar esse gênero cinematográfico, formando extensa sinonímia: Cinema Direto, Cinema do Vivido, Cinema Verdade, Cinema de Realidade, Documentário, Cinema de Não ficção” (RODRIGUES, 2010, p. 62).

Para Nichols (2005, p. 135), cada documentário possui uma identidade, que pode refletir a individualidade do cineasta ou diretor, podendo até mesmo ser o espelho que o patrocinador possui sobre o filme. Tese que se assemelha à de Rodrigues (2010), quando afirma que no documentário as vozes se dividem entre a individual e a compartilhada que passa a refletir a uma teoria de gêneros, onde é levado em consideração os traços de vários grupos de filmes e cineastas.

No filme documentário, segundo Nichols (2005a), podem ser identificados modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. O autor retrata esses seis modos que determinam uma estrutura para o documentário. Os modos são observados de ordem cronológica, pois eles surgem com a insatisfação dos cineastas com um modo prévio.

Esses seis modos determinam uma estrutura de afiliação trouxa, na qual os indivíduos trabalham; estabelecem as convenções que um determinado filme pode adotar e propiciam expectativas específicas que os espectadores esperam ver satisfeitas. Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo (NICHOLS, 2005, p. 135).

O filme documentário “Parque Oeste Industrial - 17 anos de luta” foi realizado na perspectiva do modo expositivo, com a intenção de retratar a realidade sem a participação da realizadora.

Para Nichols (2005a) o modo expositivo pode ser denominado como montagem de evidência. Ele enfatiza um argumento embasado e a impressão de objetividade, é baseado em fatos, acontecimentos e argumentos. o documentário produzido desse modo facilita o argumento abrangente e a generalização. As argumentações propiciam uma análise mais

tranquila, já que os argumentos podem ser trabalhados de maneira sucinta e objetiva. As imagens possuem o papel de complementação e comprovação dos fatos apresentados no filme.

O autor afirma: "O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. Nesse caso, o filme aumenta nossa reserva de conhecimento, mas não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento"

Em relação à linguagem, Nichols (2005a) aponta que o uso de entrevistas, a gravação de som direto, o emprego de atores sociais em suas atividades e papéis cotidianos são elementos que distinguem fortemente o gênero documental do ficcional. Há também o que o autor chama de "a predominância de uma lógica informativa, que organiza o filme no que diz respeito às representações que ele faz do mundo histórico" (NICHOLS, 2005a, p.54).

1.2 Técnica de produção do documentário

Para a produção de um documentário o realizador precisa se atentar para diversas técnicas, passando por várias etapas que garantam a qualidade do filme. Bernard (2008, p. 3) considera que o documentário "conduz o espectador a novos mundos, leva a uma apresentação do informal factual sobre as pessoas, lugares e até mesmo acontecimentos que geralmente são representados por artefatos e imagens reais".

Para a autora (2008, p.3), "quanto melhor se entender a história, durante sua evolução, mais preparado estará para contá-la criativamente e bem". As imagens que vão compor o filme terão mais força e as locações serão bem escolhidas além de terem um olhar mais cuidadoso. Com isso, o realizador focará em filmagens necessárias, tomando assim menos tempo.

Bernard (2008, p. 15) afirma que um elemento comum em todos os níveis de produção é a história, pois "uma história é uma narrativa, é contar um acontecimento ou uma série de acontecimentos, elaborada de modo a suscitar o interesse do público, seja ele composto por leitores, ouvintes ou espectadores".

A exposição é outro ponto que Bernard (2008), coloca como importante e a defini como um "gancho para uma história", que responde as cinco perguntinhas básicas: Quem, O que, onde, quando e por quê. Ela dá ao espectador o que ele precisa para seguir a história além disso faz com que ele entre na narrativa. Também defende adotar um fio condutor, que é o elemento que levará a história do início ao fim, com o uso de personagens adicionais. A autora afirma que o fio condutor pode ser útil quando o objetivo é atrair o público que não conhece o tópico

que está sendo seguido. “Algumas pessoas mostram-se profundamente curiosas pela exploração do espaço” (BERNARD, 2008, p. 16).

A autora explica também o que é o Arco, que são modos pelo qual os personagens mudam durante a narrativa, sem fazer uma mudança forçada, demonstrando aprendizados e reviravoltas na história. Além disso o documentário é visto como filme descrito como uma trama, conduzido por personagens, pois, “a diferença entre os filmes conduzidos pela trama e pelo personagem pode ser sutil, e, frequentemente, um tem fortes elementos do outro” (BERNARD, 2008 p. 23). Por isso é necessário ter um personagem central da história. Precisa-se focar em um protagonista, mesmo que esse personagem passe a imagem de anti-herói. É preciso que a missão ou o personagem cativa suficientemente o público até que ele queira ver o resultado da história.

Para Puccini (2009), a produção do filme documentário se desenvolve quando o cineasta cumpre todas as etapas para a realização do filme, como pesquisa, produção, gravação, decupagem, a elaboração do roteiro e a montagem. Mesmo finalizado o filme, é necessário dar os retoques finais, com a inserção de trilha sonora, legendas e créditos finais.

1.3 A história do documentário no Brasil

Vieira (2006, p. 2) desenvolve uma linha do tempo analisando cada década no desenvolvimento do filme documentário. A autora começa falando sobre os anos 1960, em que no Brasil uma parte da produção cinematográfica era voltada para projetos ideológicos. “Era o início do Cinema Novo, influenciado por movimentos cinematográficos internacionais como o Neorealismo Italiano e a Nouvelle Vague Francesa, as teorias russas de montagem de Eisenstein e o Cine Olho”.

Um grande destaque nos documentários eram os temas que retratavam a zona rural do País. Para a autora, nos documentários dessa década, exigia-se um raciocínio lógico em relação a elaboração do discurso utilizado no filme, pois era realizado uma adaptação para que o filme representasse a realidade vivida. Linguagem e discurso eram adaptados para atestarem um argumento que significasse o real. “Não se colocando como uma representação ou como uma elaboração, mas a expressão do real vivido” (VIEIRA, 2006, p. 3).

Um marco nos anos 1970 foi a expansão da indústria cultural, com realizadores articulando formas de produção e projetos culturais. Ocorreu na época também uma grande inovação, que foi a parceria entre cineastas e os profissionais da televisão, por causa da ditadura e da censura, pois os realizadores vislumbravam a oportunidade de vincular o filme à TV. Os primeiros documentários reproduzidos na TV foram no programa Globo Repórter, da Rede

Globo, em 1978, um programa de carácter jornalístico. “O cinema novo já não estava mais ligado a nova estética dada ao documentário nessa década, com um novo padrão de qualidade” (VIEIRA. 2006, p. 3).

Nos anos 1980, segundo a autora, o destaque ficou por conta do documentário independente, com os principais idealizadores recém-formados da Universidade, que buscavam resgatar a linguagem da televisão, mas trazendo uma inovação, além de praticidade e baixo custo.

Nessa década, o documentário passou a ser mais analítico, a produção desses filmes, passaram a mostrar os movimentos populares, refletindo o momento político que o país estava vivendo. A autora cita o filme “Cabra Marcado Para Morrer” (1984), produzido por Eduardo Coutinho, que é um marco no documentário brasileiro. O cineasta utiliza pontos entrelaçados para contar várias histórias no filme. Vieira (2006, p. 4) ressalta que:

Ao trabalhar com vestígios, com a fragmentação dos fatos e com a memória, Coutinho recupera o passado, reconstitui o presente e espera o futuro. O realizador participa da narrativa, vivendo sua história, não só atrás da câmera, como também na frente dela, participante e presente junto com os outros personagens. É a primeira vez, na história do documentário no Brasil, que o cineasta se assume enquanto ponto de vista.

Dialogando com Vieira (2006), Gonçalves (2014, p.84) afirma que, entre o período de 1969 a 1971, a universidade teve papel fundamental na produção e difusão dos documentários. No entanto, muitos realizadores foram perseguidos pelo regime ditatorial e tiveram os filmes censurados. De acordo com o autor, Coutinho havia dado início a produção do filme em 1964, mas foi interrompido pelo governo militar e, por isso, o filme foi lançado apenas 20 anos depois.

Eduardo Coutinho é considerado o maior documentarista brasileiro, falecido em 2014. O cineasta produziu ainda os filmes *Santo Forte* (1998), *Edifício Master* (2002), *Babilônia 2000* (2000), *Jogo de Cena* (2007), *O fim e o princípio* (2006), *As canções* (2011) e *Últimas Conversas* (2015), este último com montagem de João Moreira Salles e Jordana Berg, realizada após a morte do cineasta.

Sobre os documentários contemporâneos, um fato marcante é a adoção da reflexividade. Para Nichols (2005, p. 192), “a reflexividade enfatiza a dúvida epistemológica, além de sublinhar a intervenção deformante do dispositivo cinematográfico no processo de representação”.

Vieira (2006) define o cinema atual como algo interativo, onde há um espaço para a interação do cinegrafista com o personagem. A autora cita outro ponto importante no documentário contemporâneo que é a inversão dos papéis entre o entrevistado e o entrevistador e cita como exemplo o filme *À Margem da Imagem* (2002) de Evaldo Mocarzel, no qual o

realizador mostra o material aos entrevistados e em seguida os entrevista novamente, com o intuito de saber a opinião deles quanto ao filme. Vieira (2006, p. 8) explica que “no cinema contemporâneo, passa-se a refletir sobre a linguagem do cinema, e mais do que isso, sobre sua função”.

Por meio de uma análise da lista da Agência Nacional do Cinema (Ancine) dos filmes documentais brasileiros realizados entre os anos de 2000-2012, nota-se a busca pela autorrepresentação com diferentes características nesses filmes (ANJOS; OLIVEIRA; COLUCCI, 2014, p. 4). Os documentários eram voltados para a vida pessoal dos cineastas, além disso um marco no documentário auto representativo é o engajamento social. “O cinema traduz os valores da sociedade e do momento sócio-histórico de sua realização” ANJOS; OLIVEIRA; COLUCCI, 2014, p. 4).

Complementando a análise feita por Vieira (2006), os autores consideram que dos anos 2000 em diante, a produção documental brasileira crescia em relação ao público, mercado e produção. Surgiram “oficinas audiovisuais para produção de vídeos e filmes nos espaços periféricos e de pouca visibilidade social que passaram a registrar e produzir suas próprias representações imagéticas” (ANJOS; OLIVEIRA; COLUCCI, 2014, p. 7).

Várias produções foram lançadas a partir do ano 2013. No entanto, destaca-se dois documentários: o filme *Torres das Donzelas* (2018), realizado por Suzana Lira, resgata a história de mulheres que permaneceram detidas entre o fim do ano de 1960 até 1972, durante a ditadura, entre elas a ex-presidenta Dilma Roussef. Com duração de noventa e sete minutos, o filme tem como nome a ala feminina do presídio Tiradentes, em São Paulo, pavilhão conhecido como Torre das Donzelas e destinado às presas políticas (LEONE, 2018).

A cineasta Petra Costa dirigiu o filme *Democracia em Vertigem* (2019), que retrata trechos da sua história familiar e dos bastidores da cena política do país, da vitória do ex-presidente Lula no ano de 2003 ao Impeachment da ex-presidenta Dilma Roussef, com a vitória do presidente da extrema direita, Jair Bolsonaro, com fim melancólico do filme. O filme foi indicado ao Oscar em 2020, sendo a primeira indicação da documentarista. Petra não ganhou a estatueta, que ficou com o filme *American Factory*, de Steven Bognar e Julia Reichert.

2. Parque Oeste Industrial

O loteamento Parque Oeste Industrial está localizado na região sudoeste da capital de Goiás, Goiânia. Castro (2018, p. 51) traça alguns dados relacionados a população, segundo ele, seguindo os dados do relatório técnico do Plano Diretor de Goiânia de 2007, a população do

loteamento em 1991 era de 18.676 habitantes, alcançando o número de 57.638 habitantes em 2000. Apesar do grande povoamento, o setor ainda apresentava muitos espaços vazios. O loteamento era caracterizado por contar com um grande comércio de peças para caminhões e era descrito como um lugar que não tinha a atenção da prefeitura com relação a infraestrutura. Esses espaços vazios resultaram em uma série de problemas para o local. Com o crescimento e as migrações para a capital goiana, com a falta de planejamento, um dos locais do bairro foram ocupados. A ocupação pela busca de moradia aconteceu em 2004, quando centenas de famílias passaram a ocupar um terreno com cerca de 1,3 milhões de metros quadrados.

Durante o período de um ano, entre 2004 e 2005, famílias que não possuíam moradias próprias passaram a ocupar a região, na esperança de ter uma casa. Eles passaram a construir barracos e se instalaram no local. Nesse mesmo período ocorreram questionamentos sobre a função daquele espaço e qual seria a contribuição para o crescimento urbano da capital. A esperança que as famílias da ocupação possuíam, segundo Cassiano (2018), foi alimentada pelo poder público, ao garantir que agiria a favor do interesse público.

Não foi o que se deu. Na disputa político-jurídica prevaleceu os interesses dos proprietários legais do referido terreno, naturalmente que respaldados pela interpretação jurídica da Constituição no que tange o direito à propriedade privada (CASTRO, 2018, p. 52).

Nesse embate entre população e poder público, em 16 de fevereiro de 2005, infelizmente o desfecho não foi da melhor forma. As 4 mil famílias, cerca de 14 mil pessoas, foram despejadas do local por policiais da Polícia Militar do Estado de Goiás, respaldada por decisão judicial.

2.1 O drama da desocupação do Parque Oeste Industrial

A Ocupação denominada “Sonho Real”, de acordo com documentos do Ministério Público Federal, aconteceu em meados de maio de 2004, em um terreno de propriedade privada com cerca de 1 milhão e 300 mil metros quadrados (28 alqueires). Cassiano (2018) diz que em uma das reportagens publicadas pelo jornal O popular ficou explícita a relação política da família proprietária da área ocupada com políticos detentores do mandato na época. O proprietário do terreno, Sebastião Aguiar, era devedor de mais de dois milhões de reais de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) (REDAÇÃO DO NÚCLEO PIRAPITINGA DE COMUNICAÇÃO, 2006).

A reportagem afirma que Sebastião Aguiar, proprietário primário do terreno, foi pioneiro da cidade e deixou a área como herança após falecimento em acidente aéreo ocorrido com pessoas que eram lideranças políticas do PMDB,

em 1981. Partido este tradicional na política goiana e que em 1981, ano do falecimento de Aguiar, se preparava para disputar as eleições do ano seguinte, o qual saiu vitorioso com a eleição de Íris Rezende ao governo do Estado (CASTRO, 2018, p. 52).

O autor também esclarece que durante o período de ocupação da área em 2004 o PMDB disputava a prefeitura de Goiânia novamente com Íris Rezende, que ele denomina como “principal liderança política”. Iris Rezende ganhou as eleições de 2005 e se tornou o prefeito de Goiânia.

Com a proximidade das eleições para a prefeitura e para a câmara dos vereadores, alguns líderes políticos aproveitaram da ocupação e prometeram que alguns lotes seriam regularizados. Com isso, a promessa se espalhou, fazendo com que mais famílias sem moradias ocupassem o local. Acreditando que o que foi prometido aconteceria, as famílias passaram a construir no local. “Estima-se, segundo relatório da Cerrado Advocacia e Assessoria Jurídica Popular, que somados os gastos de todos os moradores na ocupação, pode-se ter chegado a cerca de 10 milhões de reais nas construções.”

Durante esse período, o proprietário da área entrou com um pedido de reintegração de posse. Foi, então, concedida a primeira liminar que determinava a reintegração de posse no dia 20 de maio de 2004, assinada pelo Juiz Substituto Dr. Nickerson Pires Ferreira. Em seguida, no dia 04 de junho, houve uma reiteração pelo mesmo juiz. Foi expedida uma decisão no dia 09 de setembro de 2004, na qual determinava que a área fosse devolvida ao proprietário no prazo de vinte dias.

Com a chegada das eleições a desocupação foi adiada pelos líderes políticos, pois uma desocupação realizada a força por parte da Polícia Militar poderia atrapalhar a conquista de votos, já que os candidatos haviam prometido a legalização dos lotes. Com as esperanças alimentadas, o número de moradores só aumentou e, a partir disto, os moradores criaram comissões de diálogo e de segmentos políticos, com o intuito de consolidar então as promessas de legalização das moradias.

Em uma reunião com cerca de 300 moradores, no dia 12 de novembro de 2004, o então governador Marconi Perillo, se comprometeu com os moradores em buscar formas que não levasse a desocupação violenta. A declaração do governador foi divulgada pela imprensa na época, o que tranquilizou os moradores.

Segundo o relatório da Cerrado Advocacia e Assessoria Jurídica Popular, Américo Rodrigues, um dos líderes da ocupação, analisou a reunião como muito produtiva e afirmou que a mesma deixou as famílias muito felizes. Como podemos perceber, para aquelas pessoas, ficou evidente o entendimento que o governo iria contribuir no processo de desapropriação do terreno (CASTRO, 2018, p. 53).

O autor esclarece que os líderes políticos influenciaram direta ou indiretamente no crescimento da ocupação, pois o fato de o candidato, e até então governador, Marconi Perillo, o prefeito da época, Pedro Wilson, os candidatos à prefeitura, deputado Sandes Júnior e Íris Resende, confirmarem aos moradores que poderiam construir no loteamento, alimentaram as esperanças e deixaram com que pensassem que os lotes seriam regularizados.

Após as eleições o cenário mudou. O proprietário do terreno e de setores empresariais se mobilizou de forma política e jurídica para que a reintegração de posse fosse cumprida. Muitas entidades e organizações patrimoniais, publicaram no dia 28 de janeiro de 2005 uma nota de repúdio a ocupação, exigindo que a lei fosse cumprida com a expulsão dos moradores. A situação foi se agravando e as famílias se preparavam para defender suas casas. “A Justiça pressionava pela reintegração de posse e o poder público argumentava que em breve teria uma alternativa para o problema, entretanto, nada fez efetivamente para negociar uma saída pacífica das famílias do local disputado” (CASTRO, 2018, p.58). A situação não foi resolvida e os moradores ficaram preparados para uma possível intervenção policial para a desocupação do local.

No dia 31 de janeiro de 2005, as autoridades da segurança pública e órgãos estaduais e municipais, e os representantes dos posseiros, fizeram várias reuniões visando uma solução pacífica para o problema. Porém, o acordo proposto não se apresentou favorável às famílias, e segundo concluíram, a situação só se resolveria com a desapropriação da área. Diante disso, os posseiros manifestaram que resistiriam a qualquer ação de despejo (RELATÓRIO DO MPF, 2006, p. 3).

A partir do dia 06 de fevereiro de 2005 foi dado o início à “Operação Inquietação”, que durou 10 dias, quando os moradores eram aterrorizados com ameaças, tiros e bombas. A inquietação acontecia sempre no período da noite e no início da manhã. Além disso, houve corte de água e de luz dos moradores da ocupação. Segundo o relatório da Cerrado Advocacia Jurídica Popular (2006), a polícia preparou um esquema com dezenas de viaturas e muitos policiais armados. Apesar de ser noticiada a possível desocupação, os moradores não chegaram a receber nenhuma notificação.

No dia 15 de fevereiro de 2005, o jornal o popular publicou informações dadas pela Polícia Militar de como seria a desocupação. Em 16 de fevereiro, no dia seguinte a publicação, iniciou-se a “Operação Triunfo”. Segundo relatos dos moradores, não houve aviso ou negociação por parte do Governo Estadual e nem da Polícia Militar. A retirada foi violenta, com a derrubada das casas, sem dar direito aos moradores de retirar móveis e pertences. Duas pessoas morreram: Pedro Nascimento e Wagner da Silva. De acordo com Cassiano (2018, p.

60) “uma pessoa ficou paraplégica, dezenas de feridos e quase 800 pessoas presas. A desocupação retirou 14 mil pessoas num período de apenas 2 horas”.

O relatório do Ministério Público Federal traz que, apesar do desfecho trágico, a ação poderia ter levado a consequências piores, com os detalhes apresentados nos depoimentos. Os policiais envolvidos nas mortes foram identificados.

A testemunha CLÁUDIO DE SOUZA LIMA identificou o autor do disparo como sendo um policial detentor de duas (02) estrelas no uniforme, indicativo de ser um Oficial Militar (motivo forte que justificou o prosseguimento das diligências por parte de uma Subcomissão, criada para levantamento de provas para pedido de deslocamento de competência para justiça federal). Com efeito, investigações realizadas pela Polícia Civil lograram identificar o autor da execução sumária (homicídio qualificado) como sendo o Capitão da PM, ALESSANDRI DA ROCHA ALMEIDA, sendo que sob seu comando, policiais militares também atentaram contra a vida de JOZELINO PEREIRA ALVES, DIVINO CARLOS PIRES E EDGAR LUIZ PEREIRA (RELATÓRIO DO MPF, 2006, p. 7).

O caso foi noticiado em âmbito nacional, pela forma agressiva que a Polícia Militar abordou os moradores, pelo tamanho do esquema armado e pela violência usada na retirada das famílias, derrubando as moradias.

Diante dessa situação desoladora, marcada por extrema violência e desrespeito, os movimentos sociais contrários à desocupação tal como estava sendo feita, denunciaram em manifestações em espaços públicos, documentários e pelas redes sociais e blogs na internet que a desocupação, na verdade, atendia interesses econômicos, que por isso a pressão da Justiça e o cumprimento efetivo do poder público aconteceram. O próprio advogado da família proprietária do terreno, Semy Hungria, afirmou no O Popular (20 de fevereiro, p. 5) existir ligação da família com as grandes imobiliárias. Segundo esse advogado, os proprietários teriam planos em conjunto com as empreiteiras para a construção de um condomínio destinado à classe média. Empreendimento que se concretizou anos depois com a venda dos terrenos e efetivação de condomínios verticais (CASTRO, 2018, p. 62).

Portanto, a desocupação foi marcada pela violência e pelo descaso com os moradores, com duas pessoas mortas e dezenas de feridos.

2.2 Parque Oeste Industrial: Após a Desocupação

Após a Retirada, os sem-teto que não possuíam outras opções de alojamento foram levados para o Ginásio de Esportes Capuava, na região Noroeste de Goiânia, e do Bairro Novo Horizonte, na região sudoeste da capital. As pessoas permaneceram por um período nestes Ginásios, pois os locais possuíam um alto grau de insalubridade. Quem havia passado pelo trauma da desocupação teve que se adaptar ao local. De acordo com Silva (2007, p. 114), “doenças infecciosas de distintas espécies transformaram as precárias instalações do Ginásio em férteis terrenos para que as mortes iniciadas com a Operação Triunfo fossem ampliadas”.

Após o agravamento da situação e com as mortes, a Prefeitura de Goiânia e o Governo do Estado de Goiás foram em busca de um alojamento provisório para as famílias. A remoção das primeiras famílias para o acampamento provisório no Setor Grajaú ocorreu em 13 de maio de 2005. A insalubridade dos Ginásios permaneceu e causou mais mortes. As barracas foram montadas com lonas pretas. As pessoas eram obrigadas a permanecer no interior das barracas sob temperatura elevadas.

A área, além de se localizar nos extremos da cidade, também é marcada pela ausência de equipamentos urbanos e comunitários: sem saneamento básico, com esgoto a céu aberto, sem energia elétrica, posto de saúde ou escola no acampamento (SILVA, 2007, p. 114).

No período chuvoso a preocupação era outra, as lonas das barracas rasgavam por conta do vento e a água da chuva era um grande problema, pois o setor não possuía rede de esgoto. Silva (2007, p. 115) conta que barracas armadas muito próximas umas das outras “colocava em risco a integridade física de seus ocupantes, como ocorreu no dia 01 de janeiro de 2006, quando o incêndio numa delas provocou a total destruição de mais de 28 barracas, deixando mais de 100 pessoas desabrigadas.”.

Em 23 de setembro de 2005 a Defesa Civil do Município realizou uma visita ao local, verificando a situação de saúde precária. Junto com a Prefeitura, protocolou o caso como uma emergência para o assentamento. Outra questão colocada pela Defesa Civil foi o aumento da violência. A não apropriação dos direitos básicos causava conflitos entre os moradores. A terra definitiva denominada por "Real Conquista" pelos moradores, ficava fora da zona urbana. Estava localizada no Residencial Itaipú. Segundo SILVA (2007, p. 115) "O terreno tinha, dos seus 30 alqueires, 22 pertencentes a zona rural. Situação que exigia a inclusão dessa parte na zona de expansão urbana no município"

Após questões judiciais entre o governo e a Prefeitura, por conta do valor do local onde seriam instaladas as famílias, o bairro Real Conquista, o Estado iniciou as obras do setor, mas a velocidade em que as obras eram realizadas no local não acompanhava a necessidade e urgência daquelas famílias.

Agora em 2022, 17 anos após a desocupação, as famílias ainda sofrem com falta de infraestrutura e direitos básicos, como educação. O setor não possui creche para que as mães possam deixar seus filhos, conta apenas com a Escola Municipal Renascer e uma Unidade Descentralizada de Educação Profissional (UDEP) que ministra cursos profissionalizantes. As crianças não têm acesso ao ensino médio e nenhuma forma de lazer.

O Bairro Real Conquista possui uma Unidade Básica de Saúde (UBS) que atende as famílias da região. O bairro conta com pequenos comércios, alguns funcionando na própria

residência, como bares, salão de beleza, mercados, *lan house*, dentre outros (RAMALHO, 2005). A violência que ocorria no acampamento ainda é muito presente mesmo após a conquista da moradia. Apesar de contar com a presença de policiais, os moradores não se sentem seguros.

Com alguns benefícios extras em infraestrutura, é claro, se comparados a outros bairros da cidade, mas ainda assim, persiste o mesmo modelo que restringe os mais pobres à vida e os melhores serviços da cidade e reproduz os 100 mesmos problemas de outras regiões periféricas como a violência, saúde pública precária, ausência de espaços coletivos e equipamentos de lazer, dificuldade de transporte, dentre outros (RAMALHO, 2005 p. 99).

2.3. Uma nova conquista

Os personagens entrevistados no documentário *Parque oeste industrial- 17 anos de luta* relatam suas vivências e os traumas que passaram durante a desocupação do acampamento. Cada um teve algum tipo de trauma, dor ou ferida que ficaram depois de todo o processo, durante esses 17 anos. Os depoentes contam detalhes sobre a retirada e todo o sofrimento que passaram.

O marido de Eronilde¹ (2022) morreu durante a retirada do Parque Oeste Industrial. Ela conta que decidiram ir para o acampamento porque estavam desempregados, pagavam aluguel e viram ali uma esperança. Em seu depoimento ela relata como foi o dia em que tudo aconteceu, que no dia ela e o esposo acordaram cedo para finalizar a confecção de bandeirinhas brancas como sinônimo de paz, para quando os policiais chegassem para retirá-los de lá e eles pudessem mostrar.

Segundo Eronilde (2022) a energia no setor foi desligada logo pela manhã. Os moradores não sabiam o que estava acontecendo, como havia uma grande quantidade de policiais fora da ocupação os moradores imaginavam que eles iriam tirá-los de lá. Eles saíram, mas depois voltariam para continuar a luta. Não foi isso que aconteceu. Ela relata que os ocupantes foram para a avenida, ligaram um carro de som com o Hino Nacional e receberam a polícia com palmas, mas eles já chegaram atirando e foi quando o seu esposo foi atingido. Eronilde (2022) reforça que:

Quando a polícia chegou, ela chegou atirando, aí todo mundo foi correndo, nesse correr ele levou já um tiro pelas costas, ele caiu, foi socorrido pelos moradores, e os moradores que tentaram prestar socorro, a polícia atirou na direção, tiveram que deixar os policiais terminarem de matá-lo, depois algemaram e deixaram ele lá no chão.

Para Edna² (2022), moradora da ocupação e Agente de Saúde do Real Conquista, o processo foi traumático. Ela relata que não conseguiu pegar tudo de dentro do barracão, que

¹ Transcrição da entrevista de Eronilde do documentário Parque Oeste Industrial – 17 anos de luta (2022).

² Transcrição da entrevista de Edna do documentário Parque Oeste Industrial – 17 anos de luta (2022).

havia deixado trancado, mas os policiais arrombaram a porta e jogaram tudo no chão. Ela conseguiu tirar poucas coisas de lá. A entrevistada também relata um pouco como foi a retirada.

Parecia uma guerra, a gente pensou que estava dentro de uma guerra, nunca imaginávamos passar por aquilo, depois que o governador falou que a gente poderia ficar, construir, a gente nunca imaginou que a gente passaria por aquilo que eles fizeram.

Meire³ (2022) sofre com reumatismo e durante a desocupação seus filhos ainda eram crianças e não tinha o apoio do marido. Para Meire (2022) o processo não foi diferente, ela relata que perdeu tudo durante a desocupação, só conseguiu pegar os documentos e as roupas do seu filho menor porque tinha se preparado caso isso ocorresse.

Quando nos vimos já estava fechando a praça, já estava a polícia fechando de lá, minha cunhada desceu gritando, ‘bora, tira os meninos’, meus filhos tudo era pequeno, eu correndo. Lá eu vivia sozinha, porque meu marido me deixou desde lá, ele ficava e voltava, eu sozinha lá, nós tentamos ficar debaixo da cama, depois viu que não deu mesmo, já estava fechando mesmo, aí meu vizinho, seu Basílico, que morava onde era a divisa do Bairro Goya, Parque Oeste, ele tinha casa, ele gritou ‘corre vem pra cá’. A polícia já tava chegando com arma, com tudo, com foguete. Nossa Senhora! foi tipo negócio de filme.

Adenilson (2022) também morava no Parque Oeste Industrial, ele disse que no momento da retirada não ficou no local, foi para o setor vizinho, mas relata o sofrimento de sua irmã, Amélia, que na época estava doente, tinha Lúpus e tinha duas crianças pequenas.

A minha irmã Amelia, doente, com duas crianças e ali pelejando para conseguir uma moradia, e mesmo assim veio essa crise, né? que quando saiu derrubaram a barraquinha dela, ela teve que entrar lá dentro às pressas para salvar o que as vezes ela queria salvar ali, os documentos pessoais, algumas coisinhas dela, as roupas, e mesmo assim foi difícil. Destruíu o restinho de coisas que ela tinha, ao invés de melhorar fez foi piorar. Então é uma situação muito complicada, muito triste mesmo, só quem tava lá pra saber, pra contar a história.

O documentário conta com a análise da socióloga Maria Aparecida⁴ (2022). Para ela, a violência vem sempre carregada com consequências que podem ser previstas, mas se tratando de relações de dominação a violência acaba sendo naturalizada:

Você, como que não vê o problema do outro, então você chega e a noção de propriedade, faz com que ela seja justificada. Então o pessoal estava na terra, que não era deles, justifica a violência, mas essa violência ocorre na defesa da propriedade privada.

Quando questionados sobre o local para onde foram levados após a retirada, todos possuem relatos parecidos. Adenilson (2022) diz que ele foi para o Ginásio Capuava. Para

³ Transcrição da entrevista de Meire do documentário Parque Oeste Industrial – 17 anos de luta (2022).

⁴ Transcrição da entrevista de Maria Aparecida do documentário Parque Oeste Industrial – 17 anos de luta (2022).

Edna (2022) era um local difícil de viver, dormiam todos juntos, com o passar do tempo algumas pessoas conseguiram fazer barracões do lado de fora. Edna (2022) conta que

Eles levavam comida todos os dias, só que foi indo a gente não conseguia nem comer aquela comida mais, o leite, eles levavam leite também, o leite azedo, não tinha como esquentar o leite, não tinha onde armazenar nada.

Para Eronilde (2022) não foi diferente, ela relata que o ginásio para onde foi levada era totalmente insalubre, era apenas um banheiro, um bebedouro para todas aquelas famílias que estavam sem moradia. Eronilde (2022) detalha um pouco sobre como foi morar dentro do ginásio.

Dentro do ginásio não tinha privacidade, por que morar dentro de um ginásio, com um monte de colchão no chão, arquibancada servia de cama, um banheiro, um bebedouro. Vários tipos de doenças surgiram em quem estava no ginásio. No ginásio Capuava a gente perdeu a Sonia, a gente perdeu o Jerivá, perdemos várias pessoas dentro do ginásio Capuava, que morreram por conta da insalubridade vivida lá dentro. Você olhava para as crianças, estavam tudo com Sarna, a imunidade de todos que estavam ali ficaram muito baixas, também pelo fato da violência que eles tinham vivido, o trauma do despejo, de repente se vê dentro de um ginásio, agora você pensa, mil pessoas, mil famílias vivendo dentro de um ginásio.

Antes de serem encaminhados para o bairro Real conquista, os moradores dizem que ainda foram encaminhados para outro acampamento. Adenilson (2022) diz que os moradores ficaram no ginásio por um tempo esperando uma solução, até que todos foram encaminhados para uma terra provisória no setor Grajaú, um terreno que teria sido doado pelo governo.

Eronilde (2022) conta que quando as famílias foram encaminhadas para a terra provisória eles conseguiram a renda cidadã para as famílias, mas que era a única renda que tinham. No depoimento ela relata que muitas pessoas que estavam no acampamento perderam o emprego. Para Eronilde (2022)

Por conta do massacre, várias daquelas famílias passaram, eu percebi, uma esperança e uma desesperança sabe. Elas começaram a ficar também um pouco depressivas, por tudo aquilo que elas tinham vivido. A maioria delas tinha construído um barracão pra morar e pela humilhação, eu ouvi muito isso sabe, ‘nossa a gente se sente tão humilhado, ali a gente já tinha o nosso cantinho e de repente ter que trazer os nossos filhos de novo para ficar aqui debaixo de barraca.

Em seu depoimento Edna (2022) conta que a adaptação no Real conquista também foi difícil. Pelo fato de sair das barracas, pensava que teria melhor estrutura e condição de vida. “Só que não foi assim. Quando chovia, a água entrava toda dentro da minha casa, descia água do Residencial Itaipu e entrava toda dentro da minha casa. Foi muito difícil nosso começo aqui no Real Conquista também”.

Adenilson (2022) conta que após muita luta sua irmã, Amelia, conquistou a sua casa, mas não desfrutou muito, cerca de três meses após sua mudança, devido as condições de vida,

sua doença de Lupus agravou e ela faleceu, mas conseguiu deixar a casa de herança para os dois filhos. Adenilson (2022) conta que:

Minha irmã graças a Deus conseguiu a casinha para ela, mas como ela sofreu tanto naquele Parque Oeste, sem condições de tratamento. Ela graças a Deus conseguiu a casinha dela para deixar de herança para os seus filhos, para os dois. Ela só conseguiu desfrutar da casa lá uns três meses só e veio a óbito.

Para Eronilde (2022) conquistar a casa foi a realização de um sonho. Diz que sempre que chega no setor lembra toda a luta e que o Real Conquista é um lugar muito bom de morar, conta que os moradores são muito unidos.

A viúva de Pedro não deixa de relatar os problemas enfrentados no setor. Pois, vários dos jovens foram presos, muitos jovens chegaram a ser assassinados, mas outros estão estudando, estão na universidade, conseguiram realizar um sonho. Eronilde (2022) diz que “amo viver aqui, eu não me vejo em outro bairro, acho o Real conquista um bairro lindo, de gente muito boa, de gente muito caridosa, se alguém está precisando de alguma coisa a gente coloca no grupo do bairro, muito rápido a gente consegue”.

CAPÍTULO II - MEMORIAL

Tatiele Escobar de Almeida

A escolha do produto para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, surgiu durante os anos na universidade. Em um primeiro momento estava em dúvida se escreveria um livro-reportagem ou conceberia um documentário. Com o passar do tempo, com as aulas que envolviam o audiovisual, percebi o quanto os filmes me atraíam a atenção e idealizava todo o meu trabalho, surgindo o desejo de produzir um documentário.

O tema no qual me referi não poderia deixar de ser retratado, já que é algo que faz parte da minha história de vida. Em meados de 2004, minha mãe, que era empregada doméstica, ficou sem seu trabalho. Ela estava doente, com duas crianças e sem condições para pagar aluguel. Então passou a fazer parte da ocupação Sonho Real, tema no qual me dediquei nesse documentário. Em fevereiro de 2005 quando ela ficou sabendo que haveria a desocupação, ela não hesitou em nos retirar do local, com medo do que pudesse acontecer. Minha mãe voltou ao Parque Oeste para tentar recuperar algumas coisas, mas infelizmente já era tarde e já estava tudo destruído.

Após a desocupação, assim como relatado no trabalho, fomos encaminhados para um ginásio, minha mãe e meu irmão permaneceram lá o tempo todo, como não tínhamos acesso à escola, minha mãe me deixou com uma tia para que eu pudesse estudar. Eu só dormia com ela nos finais de semana. Minha mãe dormia na arquibancada, pois nem todos tinham condições para fazer uma barraca de lona em volta do ginásio. Depois nossas esperanças foram renovadas e fomos encaminhados para outro acampamento na espera de realizar o sonho de ter onde morar. Nessa época voltei a morar com minha mãe.

Durante todo o processo eu, minha mãe e meu irmão, tivemos um grande apoio do meu tio, quem considero como meu pai. Enquanto estava nesse último acampamento, minha mãe foi diagnosticada com Lúpus. Foi uma grande luta, dada as condições que ela estava, aquele não era o lugar mais adequado para ela. Infelizmente minha mãe não teve melhoras. Em 2007 fomos para a tão esperada casa, mas a doença já estava muito avançada e ela veio a falecer em 2008. Ela desfrutou da casa por pouco tempo, mas não nos deixou sem um lar. Eu e meu irmão fomos adotados pelo meu tio, meu pai de coração. No filme também contei com a presença dele, pois foi quem acompanhou toda nossa jornada de perto.

Portanto, a escolha do tema foi para resgatar a história não só dela, mas de todos que lutaram pelo direito à moradia e que ainda lutam por diversos outros direitos que não são

atendidos. O filme serviu para que eu entendesse um pouco mais sobre minha história e minhas origens. Por meio deste trabalho, quero preservar a memória não só da minha mãe, mas do Pedro, do Wagner que foram vítimas da violência no dia da retirada, e em memória de todos que vieram a óbito durante essa luta. Esse filme é o espelho da realidade vivida por muitos que não têm um lar para morar e são vítimas do sistema, de um modo geral.

Tive muitos desafios durante o processo de criação do filme, iniciei em agosto de 2020, mas devido ao período pandêmico que vivemos, tive alguns problemas financeiros e tive que trancar a matrícula na Universidade por dois anos. As preocupações durante esse período eram em me reerguer financeiramente e cuidar da minha saúde e de meus familiares. Antes de trancar a matrícula fiz algumas entrevistas com ajuda da minha amiga Layane. Resolvi retornar à Universidade em agosto de 2022, para finalizar o curso e o filme, mas ainda passei por dificuldades.

Uma das dificuldades foi para marcar as demais entrevistas, entrei em contato com a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano (SEPLAN), na expectativa de obter uma resposta da Prefeitura sobre o caso. Falei com o assessor de comunicação oito vezes, conseguimos marcar a entrevista, mas desmarcaram quando estava próximo ao dia da entrevista, fiquei quase um mês na espera para realizar a entrevista, mas não tive resposta. Depois de um longo período, decidi realizar um documentário unilateral, mostrando os relatos dos moradores e buscando uma análise de uma socióloga.

Para a gravação das entrevistas que faltavam eu estava sem tripé, sem câmera profissional, sem microfone lapela, gravei com o celular do meu marido, pois tinha uma melhor resolução de imagem. Infelizmente, como estava sem microfone, tivemos imprevistos com sons externos durante as gravações das entrevistas, tentando minimizar os sons na montagem. No entanto, não tivemos tanto sucesso como o esperado.

As imagens usadas no filme são imagens retiradas do documentário *Sonho Real* (2010). Apesar da baixa qualidade de resolução das filmagens, se trata de imagens com valor histórico. Na época da desocupação as câmeras usadas não tinham uma boa qualidade. No entanto, por se tratar de imagens feitas durante a retirada, temos que levar em consideração que quem gravou, assim como as demais pessoas, estavam em busca de sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Parque Oeste Industrial- 17 anos de luta* trouxe uma perspectiva de como foi todo o processo de retirada das famílias da ocupação sonho real. O filme fez um resgate histórico sobre o caso por meio de depoimentos de moradores e análise de uma socióloga.

O objetivo do filme foi o de trazer o que aconteceu com as famílias não só durante, mas também após a retirada. Falar das vivências dos moradores e como foi todo o processo até a conquista da casa própria. Mostrar em apenas uma história a violação de muitos direitos e o sofrimento dessas famílias para conquistá-los. Além disso, levar à reflexão sobre a desigualdade presente neste caso.

Considera-se que tal objetivo foi alcançado com a realização do filme documentário. Que estas histórias contadas possam inspirar outras pessoas a buscar os seus direitos, entender e não diminuir a luta do outro, além de perceber que com a violência muitas vidas podem ser destruídas.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Alinny Ayalla Cosmo; OLIVEIRA, Luciana; COLUCCI, Maria Beatriz. **Documentário brasileiro contemporâneo: Narrativas sociais e novos dispositivos**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa. 15-17 maio 2014.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

LEONE, Igor. **A ditadura militar em 7 filmes de 2018**, 2018, Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-ditadura-militar-em-8-filmes-de-2018/>. Acesso em 23 nov. 2022.

CASTRO, Cassiano Thales de. **Parque oeste industrial em Goiânia (GO): Um Lugar de Memórias, Vivências e Experiências (2004-2005)**. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Goiânia, 2018.

CERRADO ADVOCACIA E ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR. **Relatório sonho real**. Goiânia, 2006.

DA RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. Amazonas: n. 01. Centro Universitário do Norte. Dez. 2006.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – Procuradoria da República de Goiás. **Caso Parque Oeste Industrial**. Goiânia, 2006.

NICHOLS, Bill. A voz do documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa. (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema: documentário e narrativa ficcional**. São Paulo: Senac, 2005b. vol. II.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005a.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. Revista Digital de Cinema Documentário, n.06. ago. 2009.

RAMALHO, Carlos Felipe Lacerda. **Do sonho à real conquista: estudo do processo de ocupação, desocupação violenta e condições dos assentados do conflito urbano do Parque Oeste Industrial, dez anos depois (2005-2015)**. 2015. [106 pág]. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional) - Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA), [Goiânia, Goiás]. Disponível em: <http://tede.unialfa.com.br/jspui/handle/tede/119>. Acesso em 27 nov. 2022.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? In: LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

REDAÇÃO DO NÚCLEO PIRAPITINGA DE COMUNICAÇÃO. **Sonho Real**, 2006.
Disponível em: <https://nucleopiratinga.org.br/sonho-real-2/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro**. CES Revista, Juiz de Fora, n. 06. 2010.

SILVA, Márcio Luís da. **Segregação, repressão e resistência: a ocupação do Parque Oeste Industrial em Goiânia/GO: uma nova história de luta pelo direito à cidade**. 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2725>. Acesso em 27 nov. 2022.

VIEIRA, Flávia Vilela. **A evolução do documentário brasileiro**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 6-9 set. 2006.

APÊNDICE I - ROTEIRO

ROTEIRO DE EDIÇÃO- FILME: PARQUE OESTE INDUSTRIAL - 17 ANOS DE LUTA

IMAGENS	ÁUDIO
<p>CENA 01 - ABERTURA</p> <p>00:00 a 00:03 - Apresentação logo da PUC Goiás</p>	
<p>Cena 02 - Nome do Filme</p> <p>Retirada Parque Oeste Industrial - 17 anos de luta</p> <p>00`04 a 00`10</p>	
<p>Cena 03 - RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – dov. Sonho Real</p> <p>00`11 a 00`40</p>	<p>Música Funeral de um Lavrador - Chico Buarque</p>
<p>Cena 04 – FALA 1 ERONILDE</p> <p>00`41 a 01`53</p>	<p>Lá na ocupação Sonho Real tinham várias promessas; parte dessas promessas, vieram de políticos, a gente viveu ali também um período eleitoral, todos os dias aparecia políticos lá e dizia que dali a gente não saía, mas a promessa que fez a ocupação Sonho Real deixar de ser uma ocupação de lona e virar uma ocupação de barracos de alvenaria, foi a promessa do governador do estado na época, Marconi Perillo. Ele fez um café da manhã, no Palácio e aproximadamente 300 pessoas da ocupação foram nessa reunião com ele; lá ele falou que não deixaria a polícia entrar lá dentro pra retirar os moradores, que o comandante que entrasse lá seria demitido e ele ainda reforçou que não era governo de derrubar casa de pai de família.</p>
<p>Cena 05 – FALA 1 EDNA</p> <p>01`54 a 03`04</p>	<p>Eu fui pro Parque Oeste em abril de 2005, quando meus vizinhos estavam indo e eu fiquei sabendo, aí eu fui também. Cheguei lá e fiquei à beira de um muro, numa barraquinha bem pequenininha, só pra</p>

	<p>tampar o sol, depois eles começaram a medir os lotes e eu fiquei com um lote. A gente ficou nesse lote; os políticos na época era o Marconi Perillo, era Iris Rezende, campanha pra prefeito. O prefeito era o Pedro Wilson. Eles iam lá pra dentro do acampamento, fazia promessas, que a gente podia construir, que a gente não iria sair de lá. Um dia o governador Marconi Perillo chamou a gente lá no Palácio do governo, aí lotamos uns 3 ônibus e fomos pra lá. Eles falavam que a gente iria conseguir ficar, porque tinha mais de 50 anos que aquela área não cumpria com sua função social, não pagava imposto, então a gente ia conseguir ficar lá, que a gente tinha o direito de ficar lá.</p>
<p>Cena 06 – FALA 1 ADENILSON</p> <p>03`05 a 03`46</p>	<p>Fui convidado lá e falaram que os políticos, que o governo estava a par de tudo, o prefeito iria ajeitar lá pra gente, o terreno lá já estava garantido, que iria ser pra nós. Então a gente foi naquela confiança que ia dar tudo certo. Até então, eu fiquei lá até a retirada do povo de lá; construí lá alguma coisinha lá, tive um gastos lá, os colegas também, os vizinhos construiu também, confiando que o governo ia dar aquela terra pro povão.</p>
<p>Cena 07 – FALA 1 MEIRE</p> <p>03`47 a 03`58</p>	<p>Muita quentura, calor, quando não era chuva, era vento, molhava tudo: as barracas, tudo! Era desse modelo lá, muito sofrimento que a gente passou lá.</p>
<p>Cena 08 – FALA 2 EDNA</p> <p>03`59 a 04`13</p>	<p>Parecia uma guerra, tipo uma guerra, a gente pensou que estava dentro de uma guerra, nunca imaginávamos passar por aquilo. Depois que o governador falou que a gente poderia ficar, construir, a gente nunca imaginou que a gente passaria por aquilo que eles fizeram.</p>
<p>Cena 09 - FALA 2 MEIRE</p> <p>04`14 a 05`13</p>	<p>Quando nós vimos já estava fechando a praça, já tava polícia fechando, de lá já tá fechando. Minha cunhada já desceu gritando, “bora tira os meninos”, meus filhos tudo era pequeno, esses meninos tudo era pequenininho; eu correndo... lá eu vivia sozinha, porque meu marido me deixou desde lá, ele me deixou, ele ficava e voltava. Eu sozinha lá, nós tentamos ficar debaixo da</p>

	<p>cama, depois viu que não deu mesmo, já tava fechando mesmo, aí meu vizinho, seu Basílico, que morava lá onde era a divisa do Bairro Goya, Parque Oeste, ele tinha casa, ele gritou “corre vem pra cá”. A polícia já tava chegando com arma, com tudo, com foguete, nossa Senhora... Foi tipo negócio de filme, ali aconteceu.</p>
<p>Cena 10 - FALA 2 ADENILSON 04`14 a 06`06</p>	<p>A minha irmã Amélia, principalmente, doente, com duas crianças, e ali pelejando para conseguir uma moradia, e mesmo assim veio essa crise né, que quando saiu derrubaram a barraquinha dela, ela teve que entrar lá dentro às pressas pra salvar o que as vezes ela queria salvar ali, os documentos pessoais, algumas coisinhas dela... As roupas. E mesmo assim foi difícil, destruiu o restinho de coisas que ela tinha, ao invés de melhorar fez foi piorar. Então é uma situação muito complicada, muito triste mesmo, só quem tava lá pra saber, pra contar história.</p>
<p>Cena 11 - FALA 1 MARIA APARECIDA 06`07 a 06`51</p>	<p>A violência, é sempre carregada de consequências não previsíveis. Acho que as relações de dominação na sociedade, elas cabam naturalizando isso daí, achando que você como não vê o problema do outro, então você chega, e a noção de propriedade, faz com que ela seja justificada. Então o pessoal tava na terra, que não era deles, justifica a violência, mas essa violência é na defesa da propriedade privada.</p>
<p>Cena 12 - FALA 2 ERONILDE 06`52 a 08`24</p>	<p>Aí veio a “Operação Triunfo”, após a operação inquietação, que foi o dia do despejo. Logo pela manhã, eles desligaram a energia da ocupação, ninguém que estava lá dentro estava sabendo o que tava acontecendo, se a polícia ia entrar, se ia retirar. Nós moradores, a maioria foi pra avenida, porque a gente viu uma movimentação de polícia em volta da ocupação, então a gente foi pra avenida, porque a gente entendia, a gente conversava entre nós, que a polícia realmente ia... “como ela estava um tanto de polícia aí fora, ela iria vim e atirar, então a gente vai sair, eles vão vim, vai pedir pra gente sair, então a gente vai sair, aí depois a gente volta pra gente continuar</p>

	<p>a nossa luta pra ficar aqui dentro.” Não foi isso que conteceu, então a gente saiu para as avenidas, pra receber a polícia, inclusive quando a polícia estava chegando, a gente recebeu a polícia com palmas, ligamos um carro de som tocado o hino nacional, e a polícia já começou a atirar na direção dos ocupantes, aí todo mundo, cada um correndo para uma lado, tentando se salvar, acho que o pensamento ali naquele momento era sobreviver, sair dali vivo, porque era muito tiro e muita bomba.</p>
<p>Cena 13- RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – doc Sonho Real</p> <p>Cena dos policiais entrando na ocupação</p> <p>08`25 a 08`54</p>	
<p>Cena 14 - FALA 3 EDNA</p> <p>08`55 a 09`12</p>	<p>Não conseguimos pegar tudo porque muita coisa eles quebraram de dentro da nossa casa; a gente saiu e trancou a porta, eles arrobaram a porta, jogaram tudo no chão, a gente conseguiu tirar poucas coisas de lá.</p>
<p>Cena 15- FALA 3 MEIRE</p> <p>09`13 a 09`40</p>	<p>Eu perdi tudo, nao peguei nada de lá, só peguei os documentos, porque minha bolsa estava lá, porque eu deixei arrumado, caso acontecesse isso. Eu não dava conta de correr, porque eu tenho reumatismo, sou doente, aí não tinha como correr, aí eu já deixei minha bolsa, documento pelo menos, documentos, e a roupinha do meu filho pequenininho, foi o que eu consegui pegar. Não peguei nada, acabou tudo.</p>
<p>Cena 16 - FALA 3 EDNA</p> <p>09`41 a 09`53</p>	<p>Oficialmente foram duas mortes, oficialmente, duas mortes: do Wagner e do Pedro, mas a gente sabe que não foram só duas mortes, mas oficialmente foram duas.</p>
<p>Cena 17 FALA 3 ERONILDE</p> <p>09`54 a 11`14</p>	<p>O Pedro, ele era um jovem sonhador, nós éramos joven sonhadores, a gente foi pra ocupação assim, a gente tava passando um momento muito difícil. Ele tava desempregado, aluguel atrasado, a gente tinha muitos sonhos, na verdade a gente estava começando a nossa vida. Ele</p>

	<p>participava de todas as atividades, ele era bem ativo e no dia da desocupação, a gente levantou bem cedo pra finalizar a confecção de umas bandeirinhas brancas que a gente estava fazendo para se caso fosse acontecer a desocupação, a gente levar para poder mostrar, como símbolo de paz. Só que quando a polícia chegou, como eu já falei, ela chegou atirando, aí todo mundo foi correndo; nesse correr ele levou já um tiro pelas costas; ele caiu, foi socorrido pelos moradores e os moradores que tentaram prestar socorro. A polícia atirou na direção, tiveram que deixar os policiais terminarem de matá-lo, depois algemaram e deixaram ele lá no chão.</p>
<p>Cena 18- FALA 3 ADENILSON</p> <p>11`15 a 12`43</p>	<p>Passando um tempo bom, eles começaram a perseguição, a polícia começou querer tirar o pessoal de lá, toda noite ia lá, fazia aquela ameaça contra os pais de família. Até então houve um decreto mesmo, que era pro povo sair; mais de duas mil e quinhentas polícia, mandadas pelo governo, o mesmo governo que garantiu que aquele terreno seria para aquele pessoal, pra população, o mesmo governo mandou aqueles policiais lá para retirar o pais de famílias. Depois de construído, eu achei uma covardia, por esse motive. Então o que acontece, no dia da retirada eu estava lá, porém eu não fiquei no local, eu saí para um setor vizinho, que era o Bairro Goya, eu fiquei ali só contemplando, a forma que eles fizeram para retirar o pessoal, usando ali balas de borracha, tiraram o pessoal à força mesmo de lá; muita judiação; até então muitos morreram, alguns morreram, uma parte foi presa também. Até então eles conseguiram tirar todo mundo e derrubaram as casas que foram feitas no maior sacrifício.</p>
<p>Cena 19 - O GINASIO</p> <p>12`44 a 12`45</p>	
<p>Cena 20- FALA 4 ERONILDE</p> <p>12`45 a 13`41</p>	<p>Dentro do ginásio, gente, você não tinha uma privacidade... porque morar dentro de um ginásio com um monte de colchão no chão, arquibancada servia de cama, 1 banheiro, 1</p>

	<p>bebedouro... Vários tipos de doenças deu em quem estava no ginásio. No Ginásio Capuava a gente perdeu a Sônia, a gente perdeu o Jerve, perdemos várias pessoas dentro do Ginásio Capuava, que morreram por conta da insalubridade vivida lá dentro. As crianças, você olhava pras crianças, estavam tudo cheias de sarnas, a imunidade de todos que estavam ali ficaram muito baixas, pelo fato da violência que eles tinham vivido, o trauma do despejo. De repente se vê dentro de um ginásio, agora você pensa: mil pessoas, mil famílias vivendo dentro de um ginásio...</p>
<p>Cena 21 - FALA 4 EDNA</p> <p>13`42 a 14`08</p>	<p>Era difícil porque dormia todo mundo junto, dormia gente nas arquibancadas, dormia no chão. Com o passar dos dias algumas pessoas fizeram umas barraquinhas lá fora, e eles levavam comida todos os dias, só que foi indo a gente não conseguia nem comer aquela comida mais... O leite, eles levavam leite também, o leite azedo, não tinha como esquentar o leite, não tinha onde armazenar nada.</p>
<p>Cena 22- FALA 4 MEIRE</p> <p>14`08 a 14`29</p>	<p>Aí foi outro sofrimento que a gente ficou. Monte de gente, não tinha como banhar, não tinha banheiro, maior sofrimento. Sabe como que é, as vezes eu vejo aquele povo que vem pra cá, o sofrimento é igualzinho o que nós passamos lá.</p>
<p>Cena 23 - FALA 4 ADENILSON</p> <p>14`30 a 15`04</p>	<p>O pessoal daquele dia pra cá, alguns foram para o Ginásio do Capuava e outros foram para o ginásio do Novo Horizonte. Eu tive ali no Ginásio do Capuava e ali naquele ginásio, o pessoal esperando uma solução porque não tinha pra onde ir... Até então depois de muito tempo eles conseguiram uma terra provisória lá no Grajaú, um terreno também doado pelo governo, mas provisório.</p>
<p>Cena 24 – O GRAJAÚ</p> <p>15`05 a 15`09</p>	

<p>Cena 25- FALA 5 ERONILDE</p> <p>15`10 a 16`35</p>	<p>No período que a gente estava no Grajaú, a gente conseguiu para as famílias o Renda Cidadã; todas as famílias que estavam no Grajaú receberam o cartão do Renda Cidadã, essa era a ajuda de custo que a gente tinha lá dentro pra sobreviver; a maioria das famílias estavam vivendo um momento muito difícil, porque tinha perdido tudo né, tinham perdido suas casas, estavam renovando suas esperanças ali, na luta mesmo, naquela resistência, pra conquistar o bairro, pra conquistar o Real Conquista. Várias daquelas famílias perderam o emprego, parte daquelas pessoas que saíram daquela ocupação perderam o trabalho. Por conta do massacre, várias daquelas famílias passaram, eu percebi uma... era uma esperança e uma desesperança sabe, elas começaram a ficarem também um pouco depressivas, por tudo aquilo que elas tinham vivido. A maioria delas tinham construído um barracinho pra morar e pela humilhação, eu ouvi muito isso sabe, “nossa a gente se sente tão humilhados, ali a gente já tinha o nosso cantinho e de repente ter que trazer os nossos filhos de novo para ficar aqui debaixo de barraca.”</p>
<p>Cena 26- FALA 5 MEIRE</p> <p>16`36 a 17`11</p>	<p>Nós fomos pro Grajaú, lá eles tiraram o nome da gente, cadastraram lá, aí nós fomos pra lá. Lá nós ficamos muito tempo lá ainda, nas barraquinhas, aí eu não aguentava, eu passava muito mal lá dentro do ginásio, muita gente, calorão daquele... Nós tivemos que trazer umas barraquinhas pra fora, eles deixaram fazer, ficamos na lona ainda, outro sofrimento também lá, ate eles arrumarem direitinho. Mas não foi não, acho que seis meses... mais de ano parece que nós ficamos lá no Grajaú.</p>
<p>Cena 27- FALA 5 EDNA</p> <p>17`12 a 17`58</p>	<p>No meu caso eu fiquei um ano, dois meses e vinte dias no Grajaú, aí eu vim pro Real Conquista, também sem água, sem energia; fiquei 15 dias sem água e sem energia, com as minhas crianças tudo pequenas. Só que do fato de sair do Grajaú para o Real Conquista, eu pensei “lá a gente vai ter mais estrutura, melhor condição de vida.” Só que não foi</p>

	<p>assim... Chovia, a água entrava toda dentro da minha casa, descia água do Residencial Itaipu e entrava toda dentro da minha casa. Foi muito difícil nosso começo aqui no Real Conquista também.</p>
<p>Cena 28 – O REAL CONQUISTA</p> <p>17`58 a 18`03</p>	
<p>Cena 29 - FALA 6 ERONILDE</p> <p>18`03 a 18`37</p>	<p>Todas as vezes que eu chego aqui no bairro, que eu pego o ônibus, principalmente quando eu subo a subida do Real Conquista, eu sempre lembro de toda a nossa trajetória, toda vez eu lembro, e vem na minha mente que sem luta não haveria Vitória. Isso aqui é fruto de luta e muito sofrimento, como eu já falei lá atrás.</p>
<p>Cena 30 - FALA 6 MEIRE</p> <p>18`38 a 18`52</p>	<p>De lá quem era doente, como eu era doente, eu saí primeiro, no primeiro dia de mudança eu vim pra cá, pra casa do Real Conquista.</p>
<p>Cena 31 - FALA 5 ADENILSON</p> <p>18`53 a 19`21</p>	<p>Minha irmã graças a Deus conseguiu a casinha pra ela, mas como ela sofreu tanto naquele Parque Oeste, sem condições de tratamento... Ela graças a Deus conseguiu a casinha dela pra deixar de heranca para os seus filhos, pros dois, ela só conseguiu desfrutar da casa lá uns três meses só e veio a óbito. Gracias a Deus ta descansando com Deus.</p>
<p>Cena 31- FALA 7 EDNA</p> <p>19`22 a 19`48</p>	<p>Do governo do estado aqui a gente não tem nada. Final do mês eles vão inaugurar o IDEP aqui que é um local que fazem cursos que está fechado há mais de dois anos, um espaço gigantesco lá, que poderia estar funcionando, mas não está funcionando já tem mais de dois anos e escola a gente nao tem.</p>
<p>Cena 32 - FALA 2 MARIA APARECIDA</p> <p>19`49 a 21`02</p>	<p>Olha, a questão da moradia está vinculada dentro da questão geral da desigualdade, então é preciso que a gente pense na retomada do estado social, ou seja, um estado que se encarregue de cuidar e proteger o cidadão, não no sentido assistencialista, mas no sentido exatamente de estabelecer</p>

	<p>políticas públicas que tragam e garantam o bem estar da sociedade. Porque a desigualdade, ela é típica do sistema, a democracia deve ser mantida e a gente luta por ela, pra poder fazer com que a gente tenha chance de lutar pelos direitos, mas o primeiro item de uma democracia madura é o reconhecimento de direitos; e a desigualdade é exatamente a solidificação do não reconhecimento de direitos.</p>
<p>Cena 33 - FALA 7 MEIRE 21`03 a 21`12</p>	<p>Foi maior sofrimento que eu passei, nossa Senhora! Até pra pegar leite as vezes eu atrasava, lá foi difícil lá... muito sofrimento.</p>
<p>Cena 34 – FALA 6 ADENILSON 21`12 a 21`48</p>	<p>Na verdade, o ser humano, o governo, os políticos não tem piedade de ninguém, só quer usar das pessoas enquanto estão saudáveis, enquanto tem condições de ir ali dar um voto pra eles, eles lembram né, mas quando estão precisando, eles viram as costas, eles não dão nem atenção. Graças a Deus ela conseguiu deixar essa casinha lá de herança para seus filhos, e estamos aí na luta ainda.</p>
<p>Cena 35- FALA 8 ERONILDE 21`49 a 23`25</p>	<p>Infelizmente, vários dos nossos jovens foram encarcerados, muitos dos nossos jovens chegaram a ser assassinados, mas a gente tem muitos jovens aqui também que estão vivos, que estão estudando, que estão na universidade, que estão sonhando. Eu amo viver aqui, eu não me vejo em outro bairro, acho o Real Conquista um bairro lindo, de gente muito boa, de gente muito caridosa; se alguém tá precisando de alguma coisa a gente coloca no grupo do bairro, muito rápido a gente já consegue. “Ai morreu alguém, não tá tendo condições de fazer o enterro”, muito rápido todo mundo já se junta, já se mobiliza, então assim, é um bairro muito bom de se viver. É um bairro muito bom mesmo. Eu fico assim muito triste por alguns moradores que chegaram ir embora, mas cada um tem o seu motivo, quando a gente mudou pra cá, quando a gente veio era uma fazenda, então muitas mães os filhos foram aliciados pelo crime, então essas mães foram embora do bairro, mães muito sofridas, que já vinham de muito sofrimento. Aí quando você conquista</p>

	<p>sua casa você chega e não tem direitos básicos pra poder permanecer nela, então assim, eu não critico essas pessoas que foram, eles tiveram o motivo deles, foram embora, a gente que tá aqui tá tocando a luta, tá tocando a vida.</p>
<p>Cena 36 - RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – doc Sonho Real</p> <p>Moradores rezando antes dos policiais entrarem na ocupação.</p> <p>23`25 a 23`40</p>	
<p>Cena 37- RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – doc Sonho Real</p> <p>Moradores cantando o hino nacional antes dos policiais entrarem na ocupação.</p> <p>23`41 a 24`00</p>	
<p>Cena 38- RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – doc Sonho Real</p> <p>Policiais sendo recebidos com palmas.</p> <p>24`01 a 24`10</p>	
<p>Cena 38- RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – doc Sonho Real</p> <p>Cenas durante a operação de desocupação do Parque Oeste Industrial.</p> <p>24`11 a 24`32</p>	
<p>Cena 39- RETIRADA DO PARQUE OESTE (Operação Triunfo) – doc Sonho</p>	<p>Música funeral de um lavrador - Chico Buarque</p>

Real Cena do velório do Pedro e do Wagner. 24`33 a 24`45	
Cena 40- CRÉDITOS / CENA DA OPERAÇÃO E INQUIETAÇÃO 24`46 a 25`00	Música funeral de um lavrador - Chico Buarque

APÊNDICE II – AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

A aluna, Tatiele Escobar de Almeida, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2022, autoriza a reprodução por parte da Universidade da obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
 Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
 Goiânia | Goiás | Brasil

Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62) 3946.3080

www.pucgoias.edu.br | prodir@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Tatiele Escobar de Almeida, do Curso de Jornalismo, matrícula 2017.1.0127.0146-3, telefone: (62) 99298 7456, e-mail: tatielejr@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Parque Oeste Industrial- 17 anos de luta, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 01 de dezembro de 2022.

Assinatura do autor:

Nome completo do autor: Tatiele Escobar de Almeida

Assinatura do professor-orientador: